



O QUE É A SUBJETIVIDADE? RESENHA CRÍTICA A PARTIR DO FILME “AS LÁGRIMAS AMARGAS DE PETRA VON KANT”

Nilton Gustavo de Jesus Bispo¹

1

Submetido em: 15/11/2024
Aceito em: 04/12/2024.

Resumo: O texto apresenta uma resenha crítica sobre o conceito de subjetividade a partir do filme “As Lágrimas Amargas de Petra von Kant”. Nele, discute-se como o filme reflete os aspectos profundos da subjetividade, especialmente por meio da personagem Petra, cuja complexidade emocional revela as tensões entre amor, poder e dependência. O texto analisa como a subjetividade é moldada por relações interpessoais e destaca o papel do ambiente e das escolhas individuais na construção da identidade. A crítica aborda a subjetividade como um processo contínuo de transformação, ilustrado pela dinâmica entre Petra e os outros personagens, com destaque para a relação com Marlene.

Palavras-chave: Subjetividade; Alteridade; Relações Interpessoais; Análise Fílmica.

Obra resenhada: *As lágrimas amargas de Petra von Kant*. Produzido por Törnkreuz Filmproduktion. Dirigido por Rainer Werner Fassbinder. Alemanha, 1972, 124 minutos.

A subjetividade é uma das facetas mais complexas e essenciais da existência humana. Jung Mo Sung reflete profundamente sobre o ser humano e como ele interage com o mundo. Ele nos alerta sobre a armadilha de limitar nossa subjetividade ao desempenho de papéis sociais. Ele afirma:

Se identificarmos o ser humano atuando em um movimento social - como ator social - com ser 'sujeito' ou 'novo sujeito', não conseguiremos escapar da armadilha: a redução da potencialidade humana a um papel social, mesmo que este papel seja concebido como de múltiplas faces ou transversalmente (gênero, etnia, classe social, opção política, orientação sexual, etc.) em uma perspectiva libertadora ou transformadora da realidade. (SUNG, 2002, p. 82).

¹ Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos da Universidade Federal da Bahia (IHAC/UFBA).



Portanto, a subjetividade não se limita apenas às identificações sociais; é o ponto de vista através do qual as pessoas veem, interpretam e reagem ao mundo, e esse ponto de vista é distinto para cada pessoa.

Durante uma aula da disciplina “Estudos sobre a subjetividade” que participei fomos conduzidos a uma dinâmica que ilustrou profundamente o conceito de subjetividade. Fomos divididos em dois grupos e jogamos xadrez, onde cada um de nós tínhamos a possibilidade de jogar uma vez. Muitas pessoas não conheciam o jogo, no meu grupo aprendemos com um colega sobre as estratégias e previsões necessárias para vencer. O xadrez tornou-se então uma metáfora da vida e da subjetividade. Nossas subjetividades são moldadas pelas experiências, pelos papéis que desempenhamos e pela maneira como navegamos pelas complexidades do mundo ao nosso redor, assim como cada peça do tabuleiro tem seu papel, na vida cada decisão tomada é influenciada por uma combinação de intuição, conhecimento e fatores externos.

O colega que nos ensinou a jogar xadrez representava os fatores externos que formam nossa subjetividade ao longo da vida. Ele representava figuras de autoridade e sabedoria que encontramos em nossas vidas, como pais, professores e amigos, que nos guiam indicam os caminhos e alertam para os perigos. No entanto, mesmo com orientação, cada um de nós tivemos oportunidade de fazer escolhas independentes de qual peão iríamos jogar, demonstrando que a subjetividade. Embora influenciada por fatores externos, também é extremamente individual e única. Como resultado, jogar xadrez não era apenas um jogo de lógica; era uma demonstração de nossa própria subjetividade em ação, onde cada movimento refletia a complexa rede de influências escolhidas que formam quem somos.

Outro exemplo em sala de aula que ilustra a natureza da subjetividade ocorreu quando fomos divididos em grupos para discutir um tema e no meu grupo escolhemos, a pena de morte. A maioria dos meus colegas de grupo apoavam a pena de morte para pessoas com transtorno mental que não podem ser ressocializadas. No entanto, um colega se posicionou contra, argumentando que todos merecem uma segunda chance. Essa diferença de opiniões mostrou como nossas perspectivas, valores e experiências de vida variam e moldam nossas subjetividade.

O discurso desse colega nos fez pensar sobre a empatia e a capacidade de ver além das circunstâncias imediatas, mostrando que a subjetividade é uma força que pode ser construída pela compaixão e pela fé na capacidade de mudança humana, além de ser apenas um reflexo de experiências passadas. Essa conversa enfatizou como as interações humanas e as discussões



éticas desempenham um papel importante na construção de nossas subjetividades, o que influencia como percebemos e reagimos ao mundo que nos cerca.

Assistir ao filme “*As Lágrimas Amargas de Petra von Kant*” enquanto entendíamos o que era a subjetividade melhorou minha compreensão desse conceito. Fassbinder explora as intrincadas relações humanas em sua obra, principalmente as dinâmicas de poder, desejo e controle que permeiam a vida de Petra von Kant, a protagonista. Petra, que inicialmente parece ser uma mulher forte e independente, se torna emocionalmente vulnerável e dependente à medida que seu relacionamento com Karin, sua jovem amante, cresce. Essa mudança mostra que a subjetividade é um processo contínuo de construção, destruição e reconstrução.

A ideia de que as relações de poder e as interações humanas afetam significativamente a subjetividade é ilustrada pela relação dinâmica de Petra com Karin e sua empregada Marlene. Sartre nos lembra que “a consciência não é de modo algum a consciência de um sujeito”. (SARTRE, 1978, p. 14). A identidade e a percepção de Petra do mundo e de si mesma são moldadas pelas ações e reações das outras personagens no filme. Sua subjetividade é sempre desafiada e redefinida pelas relações que ela estabelece, o que mostra que a subjetividade é principalmente uma construção social.

Franz Hinkelammert (1984, p. 254, *apud* SUNG, 2002, p. 72) diz que “O sujeito, portanto, transcende a todas as suas objetivações, ainda que não possa existir sem elas”. Essa afirmação fortalece a ideia de que, como Petra von Kant, as pessoas não são definidas apenas por suas identidades sociais ou relações de poder. A subjetividade é uma expressão dinâmica em que as pessoas se transformam continuamente, resistindo às limitações impostas pelos papéis sociais. Ao longo do filme, Petra revela o grito subjetividade em meio à dominação e à vulnerabilidade, tentando se afirmar como sujeito dentro das relações que a limitam.

Franz Hinkelammert (1996, p. 23, *apud* SUNG, 2002, p. 80) afirma que “o sujeito é a totalidade de seus fins potenciais e possíveis”. Ele acredita que o conceito de “sujeito” representa a potencialidade humana em vez de uma caracterização estática do ser humano real. Esse sujeito, que Hinkelammert descreve como uma “ausência que grita”, representa as possibilidades que permitem ao ser humano resistir às imposições impostas pelo sistema social que está em vigor. Petra representa essa luta pela afirmação de sua identidade no filme, resistindo à redução de sua identidade a um papel social simples ou à submissão às relações de poder.



Essa intersecção entre o individual e o coletivo mostra como a subjetividade é permeável, permitindo que novas influências e experiências a reformulem com o tempo. Portanto, a construção da identidade reflete a dinâmica das interações sociais. Nesse contexto, a subjetividade é um fenômeno relacional que se transforma continuamente ao trocar e conversar com o mundo que nos cerca. Esse aspecto relacional da subjetividade nos lembra da importância de estabelecer conexões significativas que nos permitam expandir e ampliar nossa visão do mundo.

A complexidade da condição humana, onde as experiências individuais se entrelaçam com as coletivas, é destacada pela relação entre subjetividade e interação social. A subjetividade é, portanto, um conjunto de fatores que moldam nossa percepção do mundo, não apenas uma crença pessoal. Ao interagirmos com outras pessoas, podemos absorver e reinterpretar suas experiências, valores e crenças, criando um ambiente onde nossa própria subjetividade é ampliada e enriquecida. Como resultado dessa dinâmica, aprendemos que as relações que construímos com nossas identidades também estão em constante mudança.

Além disso, a subjetividade é uma área que enfrenta dificuldades. A capacidade de expressar nossa individualidade é um ato de liberdade em um mundo que frequentemente tenta nos classificar e categorizar. É nessas áreas de resistência que temos a chance de questionar as convenções sociais que nos foram impostas e explorar novas maneiras de ser. Cada decisão que tomamos ou escolhemos em resposta ao que nos cerca é uma representação desse conflito interno entre o que a sociedade espera de nós e o que realmente somos. Assim, encontrar um equilíbrio entre expressar nossa essência e aceitar influências externas é um desafio.

Ademais, todos os indivíduos nas nossas vidas trazem consigo uma bagagem individualizada de experiências, valores e perspectivas sobre o mundo, que se misturam com os nossos, formando uma tapeçaria complexa de relações. Como resultado dessa interconexão, nos desafiamos a considerar até que ponto nossas opiniões e crenças são realmente nossas e não influenciadas por fatores externos? Ao pensar nisso, percebemos que as narrativas coletivas que permeiam nossa sociedade, além de nossas experiências pessoais, nos moldam. Assim, a subjetividade serve como um terreno fértil para a criação de identidades que são tanto sociais quanto individuais.

Essa dinâmica de construção identitária se mostra claramente em ambientes como a sala de aula, onde a diversidade de perspectivas e experiências é especialmente enriquecedora. Por exemplo, durante uma conversa sobre a pena de morte, a troca de ideias revelou não apenas as



diferenças de opinião, mas também os motivos emocionais que sustentam cada posição. Essa diversidade é vital porque cria um ambiente de aprendizado onde a empatia pode se desenvolver. Ao ouvir o que nossos colegas estão passando e o que sentem, somos levados a repensar nossas próprias crenças e a reconhecer a complexidade das questões éticas. A subjetividade se torna assim um meio de conexão, permitindo-nos nos aproximar uns dos outros em um nível mais profundo, onde as diferenças se tornam oportunidades para o crescimento coletivo, em vez de barreiras.

Mas essa construção de subjetividade também pode gerar conflito. As interações humanas, que são frequentemente marcadas por preconceitos e desigualdades de poder, podem distorcer nossas percepções e afetar nossa percepção de nós mesmos e dos outros. Por exemplo, podemos ser pressionados a assumir identidades que não se alinham com nossa verdadeira essência para sermos aceitos ou evitar conflitos em ambientes onde há uma forte pressão social. Essa conformidade pode resultar em uma alienação de nós mesmos e um afastamento das nossas próprias experiências e sentimentos. Portanto, é crucial cultivar um espaço onde a autenticidade possa ser expressa e onde a individualidade não seja sacrificada em nome da aceitação. Esse processo envolve um reconhecimento ativo de que cada um de nós traz uma voz valiosa para a conversa, e que essa voz deve ser ouvida e respeitada.

O filme “As Lágrimas Amargas de Petra von Kant” é um excelente exemplo dessa luta entre as pressões sociais e a individualidade. Petra se torna mais dependente de Karin enquanto desenvolve seu relacionamento com ela, revelando como as relações podem tanto empoderar quanto aprisionar. A mudança na subjetividade de Petra, que passa de uma figura forte para uma mulher emocionalmente instável, serve como um lembrete sombrio de como as interações humanas podem moldar nossas identidades de maneiras inesperadas e, por vezes, dolorosas. Essa sensibilidade não é uma fraqueza, é uma condição humana que mostra o quanto importante é entender as dinâmicas de poder que atuam em nossas interações. É um convite a pensar em como nossas conexões podem mudar quem somos e como nos relacionamos com os outros.

Portanto, a subjetividade deve ser entendida como um processo de negociação constante entre o eu e o outro, bem como entre o individual e o coletivo. É importante ter em mente que a construção de nossa identidade não acontece em um vácuo à medida que nos movemos por esse mundo complicado. Nossas interações sempre nos afetam, e todas as experiências da vida, conversas e disputas nos dão a chance de pensar sobre quem queremos ser e quem somos. Essa reflexão nos ajuda a desenvolver uma subjetividade mais forte e consciente que valoriza a



diversidade e a autenticidade. Um senso de responsabilidade em relação às nossas ações e como essas ações afetam os outros pode ser desenvolvido quando estamos cientes dessa conexão. Isso pode destacar a importância da empatia em nossas interações diárias.

Finalmente, esse caminho para a compreensão da subjetividade nos convida a aceitar a complexidade da experiência humana. A subjetividade permite a criatividade e a liberdade em um mundo que costuma ser categorizado e simplificado. Reconhecer que somos seres em constante evolução nos dá a capacidade de explorar novas formas de estar e ser no mundo, enquanto celebramos a riqueza da diversidade que nos cerca. Essa visão mais ampla da subjetividade nos motiva a buscar conexões mais profundas, a questionar as normas convencionais e a construir uma sociedade onde a pluralidade é respeitada e valorizada. Assim, a subjetividade é uma parte essencial da experiência humana, influenciada por nossas interações e percepções e que cada um tem em relação a situação mesmo e ao mundo.

REFERÊNCIAS:

- As Lágrimas Amargas de Petra von Kant.** Produzido por Peter Märthesheimer e Michael Fengler. Dirigido por Rainer Werner Fassbinder. 1972, 124 min. Disponível em: <https://www.filmin.pt/filme/as-lagrimas-amargas-de-petra-von-kant>. Acesso em: 04 dez. 2024.
- HINKELAMMERT, Franz J.** *A crítica da razão utópica*. São Paulo: Paulus, 2002.
- HINKELAMMERT, Franz J.** *El mapa del emperador: determinismo, caos y utopía en el nuevo des-orden global*. San José, Costa Rica: Departamento Ecuménico de Investigaciones, 1998.
- SARTRE, Jean-Paul.** *O que é Subjetividade?* 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- SUNG, Jung Mo.** *Sujeito e Sociedades Complexas*. 1. ed. São Paulo: Vozes, 2002.